



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA ANTAS DE OLIVEIRA

**GÊNEROS TEXTUAIS: Poemas e poesia na aquisição da leitura e da escrita.**

ITAPORANGA-PB

2014

MARIA ANTAS DE OLIVEIRA

**GÊNEROS TEXTUAIS: Poemas e poesia na aquisição da leitura e da escrita.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regimênia Maria Braga de Carvalho.

ITAPORANGA - PB

2014

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48g Oliveira, Maria Antas de.  
Gêneros textuais [manuscrito] : poemas e poesia na aquisição da leitura e da escrita / Maria Antas de Oliveira. - 2014.  
34 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Regimênia Maria Braga de Carvalho , Clínica Academia Escola de Educação Física - CCBS."  
1. Gêneros textuais. 2. Poema e poesia. 3. Ensino-aprendizagem. I. Título

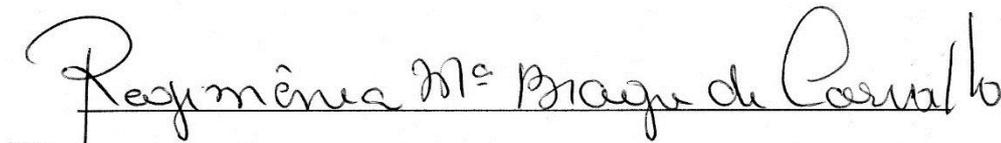
21. ed. CDD 410

MARIA ANTAS DE OLIVEIRA

**GÊNEROS TEXTUAIS: Poemas e poesia na aquisição da leitura e da escrita.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviços Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

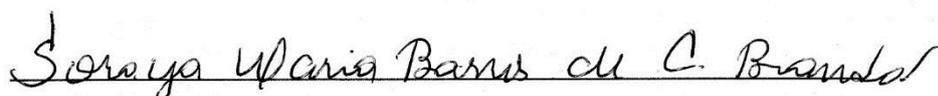
**Aprovada em 17/05/2014.**

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Regimênia Maria Braga de Carvalho - Orientadora

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

  
Prof. Dr. Alex da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof.<sup>a</sup> Ms. Soraya Maria Barros de Almeida da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Este trabalho é dedicado às pessoas que sempre estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida, me acompanhando, apoiando e principalmente acreditando em mim. Aos Meus pais: Elizeu Antas e Maria Barros (In memoriam), ao meu esposo: Valdemir, aos meus filhos: Vanderlane, Vanderley e Vanderlúcio. (Amores da minha vida), as minhas netas: Emilly, Lays, Larah e Elen, a meus irmãos que direta ou indiretamente contribuíram para realização da minha formação profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela dádiva da vida e por ter me ajudado a manter a fé nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais: Elizeu Antas e Maria Barros (in memoriam), pessoas de caráter e dignidade, que muito contribuíram para minha vida profissional, hoje se encontram com Deus sempre me incentivaram nos meus estudos, sendo eles verdadeiros amigos companheiros que hoje sorriem orgulhosos por me ver galgando mais um degrau, onde se doaram por inteiros renunciaram aos seus sonhos para que muitas vezes eu pudesse realizar o meu sonho.

A meu esposo; Valdemir que com muito carinho e apoio não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos meus filhos: agradeço por fazer parte da minha trajetória e me fortalecer na caminhada em busca de novos conhecimentos

A minha orientadora: Regimênia Maria Braga de Carvalho pelo suporte, pela paciência e ainda suas correções e incentivos fonte de apoio e de fortalecimento que além de responsável pelos meus conhecimentos se dedicou muito a este trabalho obrigado pela confiança e dedicação.

## RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica a qual foi desenvolvida com base no material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos apresentando como tema: “Gêneros Textuais: Poemas e Poesias na Aquisição da Leitura e da Escrita” tendo como objetivo: Utilizar a prática da leitura através dos Poemas e Poesias como forma de melhorar a escrita dos alunos. O mesmo encontra-se estruturado em três capítulos e para sua composição foram pesquisados vários autores, são eles: Abdala (2006), Antunes (2003), Bagno (2008), Brasil (2001), Bacelar (2000), Britto (2003), Ferreira (2002), Foucambert (1994), Freire (2006) e Vygotsky (2002). O primeiro capítulo contempla algumas ponderações sobre o Ambiente Escolar e as Práticas Pedagógicas. Já o segundo capítulo apresenta a importância da Escrita da Produção do Conhecimento. O terceiro capítulo aborda como trabalhar a Relação entre O Mundo da Leitura e Escrita. Nesse estudo verificou-se através dos autores pesquisados que a prática da leitura promove não só a melhoria da escrita como também um bom desempenho na linguagem oral dos alunos ampliando assim um melhor desempenho na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais; Poema; Poesia; Ensino-aprendizagem;

## **ABSTRACT**

This study is the result of a literature search which was developed based on material already prepared, consisting mainly of books and scientific articles presenting the theme: "Textual Genres: Poems and Poetry on the Acquisition of Reading and Writing" and the objective: Use the practice reading through Poems and Poetry as a way to improve students' writing. The same is structured in three chapters and its composition were investigated various authors, they are: Abdala (2006), Antunes (2003), Bagno (2008), Brasil (2001), Bacelar (2000), Britto (2003), Ferrero (2002), Foucambert (1994), Freire (2006) e Vigotsky (2002). The first chapter offers some thoughts on the School Environment and Pedagogical Practices. The second chapter presents the importance of writing Knowledge Production. The third chapter discusses how to work the relationship between the world of reading and writing. In this study it was found by the authors researched the practice of reading promotes not only improving the writing as well as a good performance in the oral language of students, thus expanding perform better in everyday life.

**Keywords:** Textual genres; Poem and Poetry; Teaching-learning.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2.O AMBIENTE ESCOLAR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....	12
2.1 A construção do saber através da leitura .....	15
2.2 A construção do saber através da escrita .....	17
3. A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ..	21
3.1 Interação entre a escrita e o processo de ensino .....	22
3.2 Importância da leitura para o aprimoramento da escrita .....	25
4. CAPÍTULO III: O MUNDO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	27
4.1 A prática da leitura .....	28
4.2 A prática da escrita .....	29
4.3 O uso da leitura e da escrita na prática social.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	34

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são atividades prazerosas de caráter contínuo que possibilitam descobrir novos caminhos e dá uma visão mais construtiva e renovadora. Por isso, o presente trabalho vem a refletir sobre a forma como os ensinamentos da leitura e da escrita estão sendo desenvolvidos. Há anos, deparamo-nos com diversas dificuldades no que diz respeito à construção de sentido e leitura de textos escritos, com respectivos significados.

Assim, entende-se que a importância desse trabalho consiste no fato de nova ferramenta didática, susceptíveis a aprendizagem da leitura e da escrita, aprofundando-se os gêneros textuais, onde o conhecimento e a prática em sala de aula com diversos poemas e poesias com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, seja uma forma de conduzir os alunos a uma aprendizagem mais dinâmica e mais significativa, na leitura e escrita, contribuindo para um crescimento sistematizado da Língua Portuguesa, além de proporcionar uma aprendizagem lúdica e dinâmica. Portanto, a finalidade desses gêneros é formar alunos leitores, escritores e produtores de poemas e poesias.

O interesse pelo tema surgiu através da prática desenvolvida em sala de aula, onde a cada ano se conversa sobre os mesmos problemas, alunos que apresentam dificuldades para ler, interpretar e escrever corretamente, prevalecendo à falta de interesse pela leitura e escrita. Esse problema surge do educador que não desenvolve estratégias de motivação para seus alunos e não busca métodos que viabilizem uma melhor formação social através do ato de ler.

O objetivo principal do artigo foi buscar na literatura autores que trabalham com gêneros textuais: poemas e poesia na aprendizagem da leitura e da escrita. Para o estudo, buscarão fundamentos teóricos em Freire, (2006), Britto (2003), Foucambert (1994), entre outros que enfocam a temática, percebendo-se a importância da leitura e da escrita para a vida do educando, onde as mesmas são elementos de referência fundamental para o ingresso e a participação na sociedade letrada. Sendo assim, se torna uma ferramenta básica da comunicação do homem na sociedade fazendo com que o mesmo se torne um cidadão inserido na civilização moderna com perfeito domínio dos

símbolos da comunicação autores que trabalham com os temas: leitura e escrita, que estimulem produção de gêneros textuais, como poemas e poesias.

## 2. O AMBIENTE ESCOLAR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A realidade da escola enfoca uma discussão a respeito da qualificação profissional, questiona a identidade do professor, seu espaço de trabalho e propõe desafios na procura de novos horizontes para a escola. Os profissionais da determinada área estão convocados a se manterem atualizados sobre as novas metodologias de ensino com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas eficientes e coerentes com as expectativas da sociedade.

Por conseguinte, perceber que é importante favorecer aos discentes situações reais para sua própria atuação, na qual o referido sinta-se valorizado e respeitado, e provavelmente poderá perceber a relevância dos seus conhecimentos e de suas experiências na formação da própria identidade.

Sobre a perspectiva apresentada, Freire (2006, p.71) afirma:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, em como ter uma prática educativa em aquele respeito, que sei deve ter ao educando, se realize em lugar de se negado, isto exige de mim reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos.

O respeito à dignidade dos alunos, é entendida pelo “simples” ato de educar como a capacidade de tornar propícias situações de brincadeiras e atividades orientadas, de forma generalizada, que contribuí para o desenvolvimento integral do ser que se educa. E, ainda, é imprescindível a existência do professor, porque o mesmo é aquele que poderá organizar atividades sistemáticas ligadas à aquisição de saberes por parte dos educandos, oferecendo-lhes um desempenho mais significativo.

No entanto, aprender a ler é mais do que uma simples decodificação de símbolos. Para o sujeito construir a habilidade de ler é necessário que compreenda a sua própria existência. É preciso ter consciência de que a escrita tem por função registrar fatos criados e vividos pelo homem. A escrita registra os significados dos homens.

Abdala (2006, p.1) afirma que:

A escola é um ambiente no qual se busca o desenvolvimento de um grande número de competências. As habilidades de construção da

escrita e da leitura não poderiam ser excluídas das informações e das competências a serem trabalhadas no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, algumas das prováveis razões das dificuldades para redigir pode ser o fato de a escola colocar a avaliação do produto como objetivo da escrita, de privilegiar aspectos gramaticais, de impor tópicos a serem desenvolvidos, de não fornecer comentários ou de mostrar pouco interesse pela escrita, privilegiando, por exemplo, a leitura de forma mecânica, que não oferece desenvolvimento criativo para a criança, enfatizando também a fala do professor na sala de aula.

Sabe-se que a má prática do docente também influi no fracasso escolar. O professor que não planeja suas atividades, que não tem responsabilidade com o desenvolvimento dos alunos, que não estimula a participação deles nas atividades está contribuindo para aumentar os índices de abandono e repetência.

Muitos educadores precisam melhorar sua prática pedagógica, para tentar mudar a realidade brasileira, de abandono, repetência e de crianças e adolescentes que chegam ao quinto ano do ensino fundamental sem saber ler.

É inegável o papel extremamente relevante da escola na viabilização, aos alunos, do acesso aos saberes linguísticos que possibilitem aspectos como a comunicação, o acesso à informação e a produção de conhecimentos. O que se constata, no entanto, é que são justamente a leitura e a escrita os elementos prioritariamente determinados do fracasso escolar de grande parte da clientela escolar. Fato que denota a incapacidade e a dificuldade da escola para ensinar a ler e a escrever e para possibilitar aos alunos a eficiência no uso da linguagem. Isso ocorre devido a fatores de várias ordens, a exemplo, de alguns professores das séries iniciais do ensino fundamental advir de uma formação precária, apresentando sérios problemas na utilização da língua escrita e, conseqüentemente, tendo dificuldades em propor, desenvolver e avaliar, nas aulas de língua materna, atividades voltadas à expressão escrita e à leitura.

De acordo com Brasil (2001):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Para um leitor desenvolver uma boa formação é necessário que ele se conscientize de que a leitura é de suma importância para esse fim. Percebe-se que é preciso oferecer aos educandos os textos do mundo - que circulam na sociedade: não se formam bons leitores solicitando dos mesmos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, somente porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Fica evidente que a leitura se configura como um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem. É, portanto, um ato social e, como tal, uma questão pública. É certo que a criança, ao realizar a leitura de textos, especialmente os literários, não vê somente a página impressa. Procura um sentido nas palavras, busca desvendar o código escrito.

Para tanto, é proeminente desenvolver nos aprendizes, o desejo, a vontade de buscar o conhecimento, propiciando-lhes desafios precisos para compreender o modo de funcionamento do processo de leitura no mundo contemporâneo, num contexto social no qual a cultura erudita torna-se um dos maiores patrimônios simbólicos para aqueles que nela estão inseridos.

O educando deverá exercer uma ação mental sobre o que ler, encorajando-se a praticar o hábito de ler num âmbito no qual tais práticas aconteçam em equipes sociais e funcionais. O educador por sua vez terá a função de fazer mediação, com outras pessoas na escola no ambiente familiar e na sociedade.

A alusão ao ensino da leitura possibilita o entendimento de que ela não se realiza somente na coerência perceptiva-visual, pois a mesma implica raciocínio abrangente, o que a torna uma atividade complexa que envolve problemas semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, e também problemas fonéticos.

De acordo com o que se pôde compreender, o desenvolvimento da fala é uma prática atinente com o desenvolvimento uma boa leitura. Portanto, o ato de ler deverá ter significados, com coerências, visando a despertar nos educando a curiosidade, a autonomia na busca de outras leituras.

Neste processo educativo, o professor deve responsabilizar-se pela criação de oportunidades para o seu crescimento, como também do aluno, que ao lado dele almejam o conhecimento e a aprendizagem como objetivos fundamentais. Direcionando assim o ensino a fim de que ele e seus alunos, enquanto sujeitos do processo, aprendam a participar ativamente da construção do conhecimento.

## **2.1 A Construção do saber através da leitura**

Ao focar o aluno como principal agente no processo de construção de conhecimentos sistematizados, cabe ao professor à orientação dessa construção. O mesmo não deve mais ser aquele que somente impõe atividades, e sim, intrometer-se, mostrar, dar informações objetivas, ser mediador entre o educando e o conhecimento, sempre numa relação dialógica.

A leitura capaz de formar cidadãos exige capacidade crítica, mobilização de conhecimentos prévios para preencher os vazios do texto, percebendo não só as intenções do autor, mas construindo a significação global do texto, atendendo as pistas indicadas por ele. Também é importante que esse processo de leitura contribua para uma melhor compreensão do mundo e do seu semelhante.

De acordo com Britto (2003):

A leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo. E quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será a sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como um produto. A ignorância do caráter político do ato de ler, por sua vez, não anula seu componente político, porque este é constitutivo do processo, mas conduz à mistificação da leitura.

Nas atividades explorando a leitura, a metodologia utilizada pelo professor é fazer com que o aluno desenvolva a compreensão do texto, sendo, dessa forma, uma atividade externa ao processo de leitura. Mas as estratégias

de leitura estão presentes no próprio processo cognitivo da leitura, que se constituem em operações mentais que o leitor realiza, na maioria das vezes intuitivamente, interagindo com o texto e construindo o seu sentido. É de responsabilidade do professor criar meios com o objetivo de que alunos – leitores desenvolvam esses mecanismos.

Ao professor cabe cumprir com seu papel com responsabilidade, (planejamento e criando) condições para que os alunos desenvolvam essas estratégias selecionando atividades que levam à reflexão, não somente referente às informações do texto, e também sobre os mecanismos aos quais se pode recorrer para conseguir essas informações.

Pode-se considerar um conjunto de propostas para o ensino de estratégias de compreensão leitora que se englobam sob a denominação de “ensino direto” ou “instrução direta” e que tem contribuído notavelmente para manifestar a necessidade de ensinar a ler e a compreender de forma explícita.

É necessário ensinar estratégias de compreensão porque se deseja formar leitores autônomos com capacidades para enfrentar, de forma inteligente, textos de índole muito diversa, aprender a informação essencial no texto, que muitas vezes são diferentes das utilizadas durante a instrução.

A aprendizagem da leitura é algo importante para vida do ser humano. Observando-se a real situação em que se encontram as escolas, percebe-se que há uma enorme deficiência em relação à leitura. O que se vê claramente é que há uma discrepância muito grande entre o que a Didática prega e o que é vivido no meio escolar.

Na maioria das vezes, a escola ou o professor ignoram a função do aprender a ler e escrever tomando, dessa forma, dificultosa a aprendizagem que acontece no cotidiano escolar. Assim, muitos alunos acabam desenvolvendo letra bonita, caprichos com as atividades, participam da aula e recitam as lições do livro didático, quando, na verdade, não sabem o que estão lendo e nem para quê.

## **2.2 A construção do saber através da escrita**

A crença de que a alfabetização começava e acabava entre as quatro paredes da sala de aula e que a aplicação correta de um método garantiria ao

professor o controle do processo de alfabetização dos alunos, baseava-se tradicionalmente no enfoque de como se deve ensinar a ler e a escrever.

Emília Ferreiro desviou o enfoque do "como se ensina" para o "como se aprende", colocando assim a escrita no seu devido lugar – como objeto sociocultural de conhecimento. Tirando da escola o monopólio da alfabetização e colocando no centro dessa questão o sujeito ativo e inteligente que Piaget descreveu. A ideia de que o aprendiz precisa pensar sobre a escrita para se alfabetizar era revolucionária.

Até então, acreditava-se no papel da escola que determinava os pré-requisitos necessários para a alfabetização, como um conjunto de habilidades de prontidão que as crianças deveriam ter para serem alfabetizadas e para verificar se essas habilidades estavam desenvolvidas a escola aplicava uma série de testes ou exercícios a fim de perceber a maturidade da criança.

Cabia ao professor ensinar essa tarefa estritamente escolar e as crianças só aprendiam aquilo o que o professor lhes ensinasse. Assim, primeiro o professor ensinava as letras e/ou sílabas escritas e seus respectivos sons e quando essas correspondências estivessem memorizadas as crianças seriam capazes de ler e escrever. Quando a criança não aprendia, ela é que tinha problemas de aprendizagem e precisava de tratamento clínico, psicológico ou psicopedagógico.

Mas como foi que essa crença, aparentemente tão estabelecida começou a ruir? Com as investigações de Emília Ferreiro e colaboradores que demonstraram que ao contrário do que se pensava a questão crucial da alfabetização não era de natureza perceptual, mas conceitual. Ou seja, por trás da mão que segura o lápis e escreve e de um olho que lê, está um sujeito que pensa sobre a escrita. E que essa existe em seu meio social, não apenas entre as quatro paredes da sala de aula e com a qual ele toma contato por atos que envolvem sua participação em práticas sociais de leitura e escrita.

Pode-se falar de uma evolução da escrita na criança, evolução influenciada, mas não totalmente determinada pela ação das instituições educativas, mais ainda, pode-se descrever uma psicogênese nesse domínio (isto é, pode-se não somente distinguir etapas sucessivas, mas também interligá-las em termos de mecanismos constitutivos que justificam a sequência dos níveis sucessivos). (A escrita... antes das letras 1990).

Desmoronou porque a mudança no foco das pesquisas mostrou um elemento novo: as crianças tinham ideia sobre a escrita muito antes de serem autorizadas pela escola a aprender. Essas ideias assumiam formas inesperadas e ao invés das crianças irem acumulando as informações oferecidas pela escola, elas pareciam inventar formas surpreendentes de escrever que apareciam dentro de uma ordem precisa.

Não pretendo fazer uma descrição exaustiva da evolução das hipóteses infantis sobre a escrita. Mas me deter no impacto que essas ideias tiveram na educação o que definiu uma espécie de marco divisor: um *antes* e um *depois* na história da alfabetização brasileira.

Com o objetivo de ampliar a compreensão dos educadores sobre os dilemas cognitivos enfrentados pela criança na construção da escrita, a publicação de *Psicogênese da língua escrita*, no início dos anos 80, teve o mérito de trazer a temática para uma abordagem mais ampla: dos aspectos formais (como o reconhecimento das letras e o estabelecimento das relações entre elas e outras marcas de representação como a pontuação, os números e os desenhos) aos modos de produção e interpretação a partir de fatores como a escolaridade, o dialeto e a ideologia.

Nos anos seguintes, outros estudos foram realizados sempre com a preocupação de compreender as regularidades observadas na construção da escrita e os processos psicológicos inerentes à aprendizagem.

Entretanto, a psicogênese em sala de aula, acabou configurando-se sob a forma de práticas reducionistas e equivocadas. Os professores ansiosos por encontrar alternativas para os dramáticos índices de reprovação e fracasso escolar acabaram fazendo uma transposição das situações de pesquisa para a escola como mais uma metodologia de trabalho do que propriamente como um estímulo à reflexão, ao estudo e ao planejamento de práticas comprometidas com os educandos. Muitos educadores lançaram-se á psicogenética como se ela fosse à solução para todos os problemas enfrentados em sala de aula.

E assim, uma série de modismos pedagógicos foi surgindo, criados pela má interpretação dos princípios psicogenéticos. O mais grave deles evidenciava uma posição espontaneísta em relação ao ensino das crianças,

como podemos notar entre as práticas equivocadas que invadiram as salas de aula:

- Ausência de intervenções pedagógicas para não "atrapalhar" o processo de aprendizagem, sem a preocupação de propor experiências favoráveis à construção do conhecimento;
- Desconsideração do planejamento;
- Aceitação de qualquer tipo de erro sem esforço interpretativo para entender a sua lógica ou para transformá-lo em recurso para a superação das dificuldades;
- Pretensão de hierarquizar a aprendizagem em etapas induzindo a progressão do conhecimento a partir de sucessões dos níveis descritos;
- Deixar a criança escrever livremente, sem interferências e sem propósitos ou destinatários; trabalhar só com textos em detrimento de uma reflexão mais sistemática sobre o funcionamento do sistema;
- Evitar a correção ou qualquer forma de revisão textual.
- Composição de livros didáticos que, pretendendo substituir as cartilhas, agrupam diferentes tipos textuais, mas não asseguram as especificidades do portador nem as reais situações de uso.

Entre tantas outras práticas reducionistas que seja pela resistência das práticas tradicionais, seja pelos equívocos da transposição das ideias de Freire para sala de aula, os anos 80 e 90 foram marcados por expectativas frustradas no que se refere à alfabetização. O que prevaleceu foi um enorme contingente de alunos que passam anos sem escrever alfabeticamente ou daqueles que mesmo tendo atingido esse estágio não se constitui em efetivos usuários da escrita.

Considerar a alfabetização como construção de conhecimento em lugar de simples acúmulo de informações não significa assumir uma posição espontaneísta no que se refere ao ensino. Muito pelo contrário, uma abordagem psicogenética da alfabetização aumenta a responsabilidade da escola, em vez de diminuí-la. Nem significa que as crianças não precisem aprender o valor das letras. O que a psicogênese da língua escrita permitiu compreender é que esse saber não é suficiente para aprender a ler e a escrever. Mas insuficiente não significa desnecessário.

A complexidade da construção da escrita apresentada por Ferreiro e colaboradores, sugere a necessidade de iniciativas que, tanto do ponto de vista político quanto no plano pedagógico, possam estimular a continuidade de pesquisas básicas e aplicadas, ampliar o debate e a troca de experiências dos educadores, aproximar a universidade da escola básica, valorizar a educação, incidir sobre a formação inicial e continuada dos professores, favorecer a desburocratização escolar, a autonomia das instituições de ensino e o aprimoramento das condições de trabalho.

### 3. IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A compreensão da aquisição da escrita tem se baseado em grande parte, nas alterações que ocorrem nesse processo. Ao analisar os distúrbios da linguagem escrita, podem-se traçar modelos teóricos explicativos que discriminam as diversas habilidades necessárias para que a leitura e a escrita ocorram de forma competente.

Todos sabem que há diferenças entre ver e olhar, ouvir e escutar... Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito... Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

É através da linguagem escrita que se representa a linguagem oral, os pensamentos, fatos ou opiniões. Embora a escrita não seja um retrato da fala, ela mantém uma relação dinâmica e recíproca em que uma contribui com o aperfeiçoamento da outra, porém, quando a criança se apropria da escrita alfabética ela acredita que escrever tem uma relação fiel com o ato de representar os sons das palavras que geralmente contêm alguns tipos de erros ortográficos comuns à sua fase por acreditar realmente que a escrita é uma transcrição da fala.

A habilidade de escrever envolve a habilidade de ler compreensivamente, pois é na leitura que melhor se aprende sobre a escrita. Nos textos autênticos, de variados estilos e formatos estão disponíveis todas as convenções da escrita (pontuação, ortografia, uso de maiúsculas, padrões de frases, formas de organização de parágrafos), além de recursos de gênero e estilo.

Uma das características mais marcantes da escrita é a complexidade. Há momentos em que, mesmo para os considerados bons redatores produzir algumas linhas torna-se uma tarefa penosa. Isso ocorre porque quem escreve precisa, satisfazer, simultaneamente, imposições de ordens e níveis diferentes. (BACELAR E CUNHA, 2000, p. 97-98).

Para aprender a redigir é preciso escrever com frequência, explorando a diversidade textual na sala de aula. Não só nas aulas de português, mas também nas outras disciplinas, escrevendo diariamente. A apropriação da escrita pela leitura é tão importante que as aulas de redação não podem se limitar às atividades com lápis e papel. É preciso que elas contenham momentos de leitura, em que os alunos se voltem para a observação dos textos, que aprendam a lidar com seus padrões de organização, com as intenções do autor, que possam perceber como se executam diferentes modalidades de usos da escrita.

Considerando-se tudo sobre o desenvolvimento humano e seu processo de aquisição da leitura e da escrita, percebe-se como é difícil o trabalho do professor das séries iniciais, pois o mesmo precisa conhecer a realidade de todos os seus alunos, para ajudá-los, isso acontece muitas vezes em salas de aulas superlotadas, com material didático insuficiente; algumas vezes, além desses problemas existem outros como fatores emocionais que podem atrapalhar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

No entanto, se faz necessário e a conscientização de que o processo de aquisição da leitura e da escrita é lento e gradual. Um dos maiores desafios da escola atualmente é utilizar sua ação pedagógica para os usos sociais da língua escrita e não para exercícios visando à memorização dos significantes. Com isso, é reconhecida a preocupação de muitos estudiosos com as primeiras séries da educação básica, pois elas formam toda a base do processo cognitivo das crianças. É ao longo dessas séries que as crianças constroem o início de uma vida pautada na interação, na convivência, na solidariedade.

### **3.1 Interação entre a escrita e o processo de ensino**

O acesso à escrita é um passaporte para o mundo do conhecimento e das várias interpretações sobre a vida, pois é nas diversas situações que se faz uma leitura, não apenas de algo que esteja escrito, mas também daquilo que está acontecendo.

Percebe-se que o educando busca meios para obter e construir a sua própria aprendizagem, adquiridas por seu esforço, com o auxílio do professor.

Esse interesse deve se dar de uma maneira envolvente, em que o educador realize as atividades motivadoras para o exercício da leitura e da escrita, através de diferentes maneiras que formem crianças aptas a integrar-se no mundo do conhecimento partindo de sua própria realidade.

O educador é o mediador da aprendizagem. Para isso ele deve buscar meios para motivar o aluno a sentir gosto pela leitura, textos com os quais os alunos se identifiquem e que eles gostem de verdade, aumentando assim o prazer pela leitura e não apenas um, mas de vários tipos de textos. De princípio, a criança gostará e se interessará por textos relacionados a seus conhecimentos e depois, com a prática da leitura e escrita. Os alunos se interessarão por textos e livros informativos como: jornais, revistas, entre outros que servirão de fontes e informações sobre o mundo que o cerca.

Ainda é enorme a quantidade de crianças que apresentam dificuldades no aprendizado da escrita, visto que na maioria das vezes, o professor ao pegar uma produção textual a primeira observação que ele faz são os erros ortográficos. Sabe-se que quando a criança escreve como fala, essa produção de escrita é fonética. Sabe-se também que muitos alunos escrevem as palavras desta forma. Mediante tal situação, o professor precisa observar como os seus alunos se expressam oralmente ao se relacionar com os colegas, para depois relacioná-los com a sua expressão escrita. É a partir daí que o professor precisa trabalhar o dialeto dos seus alunos para descobrir o registro fonético das palavras.

Quando a criança inicia o aprendizado escolar, já tem internalizada a gramática da língua por sua experiência com a linguagem oral. O plano em que isso ocorre é, no entanto, não consciente: a criança utiliza adequadamente os conhecimentos linguísticos adquiridos ao longo do aprendizado da língua materna, porém, não consegue operar voluntariamente com eles.

Diferentemente do aprendizado da linguagem oral, o aprendizado da linguagem escrita requer da criança uma dupla abstração: por um lado, ela deve lidar com uma linguagem que prescinde dos aspectos sonoros em sua realização, restringindo-se ao plano das ideias veiculadas pelas palavras e, por outro, deve trabalhar considerando a ausência do interlocutor na situação imediata de sua produção (Vygotsky, 2002, p. 229-230).

O texto escrito supõe um enunciador o escritor em situação de comunicação que o distancia de seu interlocutor o leitor e, por isso, exige um trabalho de organização textual que faça do texto um todo coeso e coerente, uma unidade significativa cuja construção vai sendo tecida aos poucos pela inter-relação entre os diferentes níveis linguísticos implicados nesse processo: a linguística do texto, da frase e da palavra. Apesar desse distanciamento, o processo de construção do texto escrito exige que seu autor ajuste o seu dizer a um determinado interlocutor, às finalidades e intenções que caracterizam esse dizer e que adote uma estratégia de conjunto que realize adequadamente o jogo entre os diferentes planos de construção textuais já referidos.

A prática de produção de textos escritos, efetivada pela escola, ao considerar essa produção como um momento específico da interlocução entre usuários da língua materna, deve levar em conta um processo de escrita referenciado em diferentes tipos de textos, cada qual com sua forma específica de organização e funcionamento, que conduza à paulatina conscientização do aluno a respeito das exigências que caracterizam cada tipo de produção. A reflexão epilinguística, assim concebida, permite ao aluno apropriar-se dos conhecimentos necessários à realização dessa tarefa.

Nossa maneira de olhar produção de escrita não se limita, no entanto, as marcas escritas produzidas pelas crianças incluíram a tonalidade do processo de construção, as intenções, os comentários e alterações introduzidas durante a própria escrita (FERREIRO, 2004, p. 55).

De acordo com a autora, o professor deve ver a necessidade e ajuda para que o educando possa desenvolver suas habilidades, entendendo-se que a aprendizagem da escrita se inicia desde o nascimento com a imitação de sons articulados, até a fase adulta, em que há um verdadeiro aperfeiçoamento técnico. A linguagem oral e escrita revela-se imprescindível ao processo de comunicação.

### **3.2 Importância da leitura para o aprimoramento da escrita**

A escola tem como sua principal tarefa ensinar os alunos a ler e escrever, os professores que nela atuam, deve ter a plena consciência dessa

importância perante os alunos e, devem proporcionar momentos em que os alunos entrem em contato com a leitura e a escrita, através da observação do próprio professor no ato de ler e escrever, o contato com os mais diversos tipos de textos e participando de um trabalho voltado para o estímulo de aprender a ler e escrever. Para isso, a escola precisa ter em sua proposta pedagógica, objetivos claros para a efetivação educacional,

A proposta pedagógica da escola deve apresentar explicitamente em seus objetivos, o quê e como, os alunos devem compreender a leitura e a escrita em cada etapa da sua escolaridade. “A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias escolares. Por isso, em cada ano/série, o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever”. Sendo assim, a escola necessita organizar a sua prática educacional para atender a toda a demanda escolar, possibilitando a todos, o acesso pleno da leitura e da escrita.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período da alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento, está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros, possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências.

Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (auto educar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo, “em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido” (FREIRE, 2006, p. 21). O aumento de leitores significa acesso às informações mais objetivas. Com isto, passarão a serem críticos da realidade, além de tentar transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras. Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.

Quando se lê textos e, se reescreve outro texto, baseado no texto lido, dar-se-á continuidade nas ideias de quem o escreveu, textos escritos demonstrando as ideias, representam uma experiência de vida, fatos que podem formar ideias e conceitos de outros sujeitos sociais que tenham diferentes valores e modo de agir.

O ato pedagógico deve levar através da leitura uma visão de mundo, onde o aluno possa compreender a sociedade em que está inserido, para que assim, possa se auto compreender criticamente dentro dela, entendendo e descobrindo os porquês dos diferentes aspectos de vida e as classes sociais.

Neste sentido, a educação tem o dever de formar leitores competentes, que compreendam e interpretem aquilo que se lê; que consigam ler também o que não está escrito; que tenham a capacidade de identificar elementos implícitos; que possam estabelecer uma relação do texto em que está lendo com outros textos lidos anteriormente; que saibam que em um texto se pode atribuir vários sentidos. Sendo que, para constituir um leitor competente, é necessária uma prática constante de leitura, partindo de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Com a formação de leitores, também se está formando escritores.

As palavras têm um poder mágico, portanto, precisa-se ter consciência do alcance e da força que elas possuem para poder aproveitar a riqueza que existe nas entrelinhas, naquilo que está além do simples significado, para que haja entre o emissor e o receptor um rico entendimento nas diversas formas de comunicação e de uso da linguagem. A escrita possibilita a transmissão de informações significativas para outras gerações e assim contribuímos para o avanço da humanidade.

#### 4. O MUNDO DA LEITURA E ESCRITA

O saber ler e escrever se caracteriza como um elemento necessário para sua autonomia em relação à comunicação com a família e com o meio; e mais expressivamente no campo das representações sociais.

Através da leitura, exercitamos nossa inteligência e nos integramos com o mundo, adquirindo novos conhecimentos. A leitura como a escrita tem um lugar importante na vida das pessoas, elas nos dão o poder do conhecimento, a capacidade de associar ideias, planos, sintetizar assuntos, tornam-nos mais críticos e renovam a nossa criatividade.

O contato com a poesia sempre esteve presente em nossas vidas. Para muitos de nós a poesia vai se perdendo com o passar dos anos. A intenção é permitir que o aluno, conheça autores e estilos, através de atividades que permitam uma compreensão maior da linguagem poética e lhe dê condições para que ensaie seus próprios passos em poesia trabalhando a fala, a leitura e a escrita por meio de poemas e atividades de pesquisas, análises, interpretações, exposição de ideias, composições, reescrita e reestruturação, onde o aluno poderá expor suas emoções através dos recursos tão expressivos da linguagem poética.

Essa aproximação com a linguagem poética, no sentido de familiarizar o aluno com a poesia, para que tenham prazer em ler e ouvir poemas e, sobretudo, para que se sinta motivado a expor suas emoções, dar liberdade de criar, brincar com as palavras, fluir sua imaginação.

O ato de ler permeia nossas vidas desde que começamos a "compreender" o meio que nos cerca. A constante vontade de decodificar e interpretar cada detalhe do mundo ao nosso redor faz com que nos tornemos leitores e construtores do conhecimento, muitas vezes, sem percebemos. Muito do que aprendemos na escola, infelizmente, não permanece em nossa memória, pois não exercitamos com frequência. O hábito da leitura e produção textual deve ser instigado constantemente por meio de situações que façam com que o indivíduo entenda que ler é algo importante e prazeroso.

Saber ler e compreender o que os outros dizem é uma das características que nos tornam diferentes dos seres irracionais e é prática da

leitura e escrita que nos proporcionam a capacidade de interpretação, criticidade e melhor fluência em nossa língua.

Portanto, é adquirindo prazer pelo hábito de ler e escrever que percebemos que essa é a melhor forma de ampliar o vocabulário e desenvolver a construção de textos. Que possamos, então, ampliar os meios que favoreçam ainda mais o hábito de ler, compreender e elaborar bons textos.

#### **4.1 A prática da escrita**

A tarefa de escrever, por sua vez, exige uma série de atitudes conscientes e conhecimentos pré-adquiridos pelo escritor, envolvendo toda sua historicidade e um exercício do ato de ler.

O aluno de hoje está exposto a uma multiplicidade de material escrito, mas é preciso ler além do que está escrito. Cabe à escola contribuir para que o aluno seja capaz de transitar por todos esses caminhos. O ato de escrever é um processo de construção e reconstrução de sentido em relação ao que se vê, ao que se ouve, sente e pensa.

Há ainda mais uma questão em que se deve pensar na consideração das especificidades da modalidade escrita – a argumentação. É através dela que o locutor defende seu ponto de vista. A argumentação contribui na criação de um jogo entre quem escreve o texto e um possível leitor, já que aquele discute com este, procurando mostrar-lhe que tipos de ideias os levaram a determinado posicionamento. Dito de outra maneira, ao escrever um texto o locutor estabelece relações a partir do tema que se propôs a discutir e tira conclusões, procurando convencer o receptor ou conseguir sua adesão ao texto.

Percebe-se que para o aluno sentir o desejo de aprender ou fazer algo, necessita ser motivado, dentro de um processo dinâmico. Como sabemos, a motivação é a mala mestra do comportamento de aprendizagem. A motivação pode ser interna (intrínseca), quando leva o indivíduo a buscar, e superar desafios. A resposta recebida em função do que fez para enfrentar esses desafios repercute em seu conceito sobre sua competência, suas habilidades, sua alta eficácia e, portanto, em sua capacidade para iniciar ações relevantes para sua vida.

Este tipo de motivação manifesta-se sempre que a curiosidade e o interesse energizam e dirigem a aprendizagem do aluno. Quando o professor ajuda o aluno a querer superar os desafios e objetivos estabelecidos pelas escolas e professores, automaticamente está ajudando o aluno a tornar-se mais capaz de adaptar-se a novos desafios.

## **4.2 A prática da leitura**

Ler, antes de tudo, é descobrir e expandir horizontes, porém ler apenas como um decifrar dos sentidos dos signos parece automatismo. Deve ser encarado como um ato de prazer instigado desde a mais tenra idade por pais, professores e meios de comunicação, levando as crianças à ludicidade necessária a fim de que o gosto pela leitura esteja inserido naturalmente no cotidiano e jamais como obrigação.

Aprende-se a ler com textos (...) que funcionem realmente para leitores; aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade. Ler é uma negociação entre o conhecido, que está em nossa cabeça, e o desconhecido, que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos (FOUCAMBERT, 1994, p.37-38).

Ferramenta primordial para que o Ser Humano saiba posicionar-se, ter opiniões próprias, ser crítico. Pena que a grande maioria das escolas brasileiras de ensinos fundamental e médio não exerça essa prática com afinco, trilhando o caminho mais fácil, burocrático e desestimulante. O contrário é dispor e usar do recurso que a leitura revela a fim de terem-se armas na luta contra a alienação e a massificação.

Isso significa lutar em prol de cidadãos originais e autênticos, que concebam suas próprias linhas de raciocínio, seus próprios pensamentos, que sejam únicos, por mera e simplesmente obra do conhecimento adquirido. E ter tal atitude torna-se então necessidade desses seres que aprendem e buscam, contestam e prova o sabor da independência, comunicação, apreensão, fixação, compreensão, transformação. No momento da leitura o leitor está senhor de si e de suas decisões. Como que em conflito com o texto, o transforma em algo familiar, algo seu.

### 4.3 O uso da leitura e da escrita como prática social

Compreender a leitura e a escrita como um sistema de representação que mediatiza a ação do homem no mundo e que, ele a ocupa em sua prática diária e no meio social ao qual está inserido é de fundamental importância para o educador que assume o seu verdadeiro papel de mediador do processo ensino aprendizagem. É necessário termos claro em nossa mente que não basta “saber”, é preciso “saber fazer”; não basta “saber” e “saber fazer”, é preciso “ser”, ser um cidadão capaz de agir e interagir com o seu meio social de forma eficiente, equilibrada e responsável.

Saber ler e escrever ainda é uma tarefa angustiante e penosa para muitos indivíduos. Dentro de uma sociedade elitista esta situação se torna insustentável. O que se percebe no ambiente escolar que o trabalho com a escrita e leitura se configura num hiato, contrapondo assim, o verdadeiro valor dessas duas práticas no contexto escolar, o que acaba gerando uma sociedade excludente das oportunidades que a leitura e escrita concede aos que a dominam. Isto nos arremete a concluir que a escola alfabetiza, mas não gera leitores proficientes, capazes de, socialmente, exercer de forma hábil competências de leitura e escrita que o contexto social exige. Tal constatação impõe a nós educadores repensar sobre qual o verdadeiro papel e importância do texto e do leitor dentro do contexto escolar, adequando-os às demandas sociais, ou seja, o ensino de leitura e escrita como prática social.

Nas últimas décadas é crescente o número de pesquisas que visam entender o processo de aquisição da leitura e da escrita pelos indivíduos, diversos estudiosos tentam entender o mecanismo de aprendizagem da linguagem, sua utilização por grupos falantes, suas ramificações e o seu uso para ingresso em práticas sociais e/ou de convívio de um determinado grupo letrado.

O que tem se constatado, no entanto, é um domínio precário para o uso competente da leitura e da escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas. Tais práticas perpassam o simples campo da interação e comunicação se tornando por vezes razão de exclusão e preconceito onde ser

alfabetizado tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas da sociedade.

Há alguns anos, não muito distantes, bastava que o indivíduo soubesse assinar o nome para ter acesso há alguns benefícios sociais e ingressar no mercado de trabalho, pois poucas eram as atividades em que se exigia um nível de escolaridade maior. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa posição social, estabilidade trabalhista nem tão pouco interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos; interagir com as tecnologias e adequar-se as novas necessidades intelectuais do mercado de trabalho.

Muitas foram às mudanças ocorridas no Brasil e no mundo ao longo das últimas décadas; vive-se hoje a era do conhecimento e a sociedade apresenta-se como grafocêntrica, ou seja, onde a escrita passa a ocupar um lugar central e, esta por sua vez, não está dissociada da leitura fazendo com que os indivíduos que não depreendem de tais habilidades sejam marginalizados.

O aluno que busca a escola tardiamente para estudar é um indivíduo partícipe desta sociedade letrada, escolarizada e urbana, cujas necessidades de se adaptar às tecnologias de comunicação e informação, modo de viver, trabalhar, organizar o tempo e o espaço são urgentes. A sociedade exige do indivíduo alguns conhecimentos que não foram oportunizados no decorrer de sua vida, e este, deposita na escola a esperança em adquiri-los, motivados pelas possibilidades de ascensão social, profissional e melhoria da qualidade de vida, pois se sentem excluídos da sociedade.

É no processo de escolarização, que o sujeito adquire a apreensão do código linguístico e as habilidades para utilizá-lo, ou seja, o pleno domínio para exercer a arte da escrita e da leitura. Desta forma, a aquisição da leitura e da escrita ultrapassa os limites da mera educação sistêmica do indivíduo e lhe viabiliza uma gama de possibilidades de expressão e comunicação com o mundo circundante conferindo a ele uma ascensão cultural e social.

A leitura e a escrita exercem um papel indispensável na sociedade, não só para o crescimento do indivíduo, mas também para o crescimento e desenvolvimento da sociedade como um todo. Todo cidadão precisa exercer a

sua função social, independente de seu grau de instrução ou profissão, cada um dentro da sua área de atuação e dentro de suas limitações. Para tanto, este precisa, no mínimo, saber ler, escrever e interpretar o mundo da melhor maneira possível, sempre pensando no seu crescimento pessoal, sempre pensando em melhorar.

A leitura é uma atividade capaz de mudar o indivíduo e suas relações com o mundo, favorecendo a possibilidade de transformações coletivas. Contudo, para que isto ocorra, faz-se necessário uma conscientização da sociedade em relação à importância da linguagem escrita, a qual pode começar a partir de uma mudança no projeto político de escola e na concretização de uma proposta social de leitura.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o trabalho pedagógico com gêneros textuais media às crianças brasileiras entendimento e aprendizado da língua como instrumento político capaz de transformar a sociedade como um todo e cria condições efetivas de “[...] acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito” (Bagno, 2008, p. 91).

Portanto, o presente texto buscou problematizar o processo de ensino e aprendizado da língua através dos usos variados de gêneros textuais em sala de aula, principalmente o que vem acontecendo nos anos iniciais do ensino fundamental. Para ir além de constatações, esboçou-se a tentativa de contribuir com práticas de letramento junto com os gêneros textuais para oportunizar práticas reais de leitura e escrita em sala de aula, discussão da função social da língua, o conhecimento da diversidade textual pelo trabalho com os próprios gêneros textuais e, principalmente, abordar a natureza e as especificidades das práticas sociais e culturais de letramento.

Os elementos apontados justificam-se pedagogicamente à medida que é nos anos iniciais do Ensino Fundamental que a escola tem o papel central de formação de usuários competentes da língua materna, e nos anos posteriores de escolarização ocorre à consolidação dos pressupostos trabalhados.

De acordo com essa pesquisa verificou-se a importância do estímulo à leitura através da variação dos gêneros textuais cabendo ao professor o incentivo a leitura como processo de aprendizagem de ludicidade favorecendo desta forma uma melhoria na linguagem escrita e falada do aluno contribuindo para a vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, Nacir. **Concepções de leitura e escrita**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula, 1).

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é como se faz**. 50 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Volume 2. Brasília: 2001.

BACELAR, Lucidalva Pereira; CUNHA, Maria Josenilde Costa. **Metodologia do ensino de português**. Ceará, 2000.

BRITTO, Percival Leme. **Leitura e política**. Revista Leitura: Teoria e Prática, Porto Alegre, Mercado Aberto & ALB, n. 33, p. 7, jun, 2003.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 4ed, 2002.